

Moreira, W. C. et al.



RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ações educativas do enfermeiro na promoção da saúde sexual e reprodutiva do adolescente
Educative actions of nurses in promoting sexual health and adolescent reproductive
Acciones educativas de los enfermeros en la promoción de la salud sexual y reproductiva de los
adolescentes

Wanderson Carneiro Moreira¹, Magda Rogéria Pereira Viana², Ana Raquel Batista de Carvalho³, Beatriz Carvalho Frota⁴, Maria da Consolação Pitanga Sousa⁵, Eliana Campêlo Lago⁶

RESUMO

Este estudo objetiva relatar a experiência de educação em saúde vivenciada por estudantes da graduação em enfermagem de uma IES de Teresina-PI. Trata-se de um relato de experiência realizado em abril de 2015 em uma escola pública municipal teresinense, sendo realizadas ações de educação em saúde, enfocando sexualidade, gravidez e prevenção de IST/HIV/AIDS. Os adolescentes se mostraram interessados nos conteúdos trabalhados, mas foi evidente o baixo grau de conhecimento em relação aos métodos contraceptivos e prevenção de IST, devido à ausência de orientações na escola e na família, deixando-os ainda mais vulneráveis. Esta discussão dentro da escola deve ocorrer dentro de um aspecto pedagógico, portanto, desvinculado de caráter terapêutico. Problematicar esta temática para adolescentes e jovens leva à ampliação da visão de mundo e de conhecimento, tão importante para que tenham relações sexuais protegidas, responsáveis e exerçam a sua sexualidade de forma livre, segura e de maneira consciente. **Descritores:** Enfermagem. Educação em saúde. IST.

ABSTRACT

This study aims to report the health education experience experienced by students of undergraduate nursing an IES of Teresina-PI. This is an experience report conducted in April 2015 in a public school Teresina, being conducted health education activities, focusing on sexuality, pregnancy and prevention of STI / HIV / AIDS. The teenagers were interested in the contents worked, but it was evident the low level of knowledge regarding contraception and STD prevention because of the absence of guidance at school and in the family, leaving them even more vulnerable. This discussion within the school should have in a pedagogical aspect, instead of a therapeutic character. Discuss this issue for teenagers and young people leads to expansion of the worldview and knowledge, so important for them thus in this way they will have protected sex, and can exercise their sexuality freely, safely and conscientiously. **Descriptors:** Nursing. Health education. IST.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo informar de la experiencia de educación para la salud en estudiantes de enfermería de pregrado un IES de Teresina-PI. Se trata de un relato de experiencia llevada a cabo en abril de 2015, en un Teresina escuela pública, desarrollando actividades de educación para la salud, centrada en la sexualidad, el embarazo y la prevención de las ITS / VIH / SIDA. Los adolescentes estaban interesados en los contenidos trabajados, pero era evidente que tenían un bajo nivel de conocimiento sobre la anticoncepción y la prevención debido a la falta de orientación en la escuela y en la familia de las enfermedades de transmisión sexual, lo que les deja aún más vulnerables. Esta discusión dentro de la escuela debe tener en un aspecto pedagógico, en lugar de un carácter terapéutico. Discuta este tema para los adolescentes y los jóvenes conduce a la expansión de la cosmovisión y el conocimiento, tan importante para ellos por lo tanto de esta manera realicen el sexo de una forma protegida y que ejercen su sexualidad con libertad, seguridad y conciencia. **Descritores:** Enfermería. Educación para la salud. IST.

¹Acadêmico de Enfermagem do Centro Universitário UNINOVAFAPI. Email: wandersonm.wm@gmail.com. ² Enfermeira. Mestre em Saúde da Família pelo Centro Universitário UNINOVAFAPI. ³ Acadêmico de Enfermagem do Centro Universitário UNINOVAFAPI. Teresina-PI. ⁴Estudante de Enfermagem do Centro Universitário UNINOVAFAPI. Teresina-PI. ⁵ Socióloga e Assistente Social. Mestre em Saúde Coletiva pela UFPE. Professora do Centro Universitário UNINOVAFAPI. ⁶Cirurgiã Dentista e Enfermeira. Doutora em Biotecnologia pela UFPI. Professora do Centro Universitário UNINOVAFAPI/Facid - DeVry e UEMA. Coordenadora do Programa de Mestrado Profissional em Saúde da Família do Centro Universitário UNINOVAFAPI. E-mail: mestradosaudefamilia@uninovafapi.edu.br

Moreira, W. C. et al.

INTRODUÇÃO

A adolescência constitui uma fase da vida de grandes transformações emocionais, cognitivas, sociais e corporais. Destacam-se, ainda, as mudanças relativas ao relacionamento afetivo entre os jovens e a sexualidade. As modificações biopsicossociais que ocorrem nessa fase podem interferir no processo natural do seu desenvolvimento, fazendo com que ele sinta necessidade de experimentar comportamentos que os deixem mais vulneráveis a riscos para a sua saúde (SOUZA et al., 2007; MALTA, 2011).

Entre os diversos problemas e questões que continuam a desafiar as políticas de desenvolvimento no Brasil e na América Latina, seguramente um dos mais importantes é a adolescência. Nas últimas décadas, esta vem sendo objeto de estudo de diferentes pesquisadores e têm adquirido novas dimensões no campo da saúde coletiva (BORGES et al., 2006). Sua importância, atualmente, está ligada a diversas dimensões e áreas como a educação, saúde, cultura, cidadania, violência e pobreza. A busca da identidade e do novo, a curiosidade, a onipotência e a contestação despertam no adolescente uma sensação de invulnerabilidade, a qual associada a pouca experiência de vida e a fatores socioculturais e econômicos, muitas vezes associados a fatores familiares, caracteriza este grupo como de potencial vulnerabilidade (COSTA, BIAGRA, 2007; ALVES, LOPES, 2008; MALTA, 2011).

Neste sentido e com as mudanças sociais vividas nas últimas décadas, acompanha-se o início da vida sexual dos adolescentes cada vez mais cedo. Sendo este fato determinado por muitas formas de desigualdade, se analisado por gênero, raça/cor, escolaridade e condição socioeconômica. Estas desigualdades influenciam

as relações de saúde desta população, acarretando em piora dos indicadores de morbimortalidade. A iniciação sexual precoce está associada com o não uso ou uso inadequado dos preservativos e suas consequências, ou seja, gravidez precoce, IST e AIDS, além de estar associada com o uso do tabaco, consumo de álcool e outras drogas (MALTA, 2011).

Dados revelam que, no mundo, uma em cada três adolescentes de 19 anos já é mãe ou está grávida do primeiro filho, somente 30% dos jovens usam métodos contraceptivos e, pelo menos, 1/3 das 30 milhões de pessoas infectadas pelo HIV têm entre 19 e 24 anos (SOUZA et al., 2006). No Brasil observa-se, por meio de investigações epidemiológicas, que a faixa etária de treze a dezenove anos também está se contaminando, sendo o sexo feminino o mais prevalente no período de 2001 a 2004 (BRASIL, 2005).

Os holofotes da sociedade como um todo, deveriam focalizar a saúde do adolescente, tendo em vista, o desenvolvimento saudável de sua sexualidade, evitando ou minimizando alguns problemas decorrentes da falta de orientação sexual durante seu desenvolvimento, como: contaminação e disseminação de IST e distúrbios envolvendo o comportamento sexual, agregados à gravidez não planejada, responsável por 80,3% das internações nessa faixa etária em todas as regiões do país e por tanto, um problema de saúde pública (VIEIRA et al., 2006).

A educação sexual continua a ser um tema difícil, as dificuldades encontram-se ao nível da elaboração, implementação e avaliação de programas de intervenção lógicos e apropriados, no ultrapassar de barreiras sociais e políticas e na articulação entre práticas e necessidades sociais que perpassam neste contexto. Nesse sentido, trabalhar no campo da educação sexual continua a ser um desafio (DANTAS, 2010).

Moreira, W. C. et al.

O Ministério da Saúde (MS) recomenda que tecnologias de grupo sejam utilizadas nas atividades com adolescentes, como estratégias de intervenção para as atividades de educação em saúde, principalmente no contexto da epidemia da AIDS e outras IST (BRASIL, 2005). Para isso o MS criou o Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE), que é uma das ações do Programa Saúde na Escola (PSE), que tem a finalidade de contribuir para a formação integral dos estudantes da rede pública de educação básica por meio de ações de prevenção, promoção e atenção à saúde. A proposta do SPE é realizar ações de promoção da saúde sexual e da saúde reprodutiva de adolescentes e jovens, articulando os setores de saúde e de educação. Com isso, espera-se contribuir para a redução da infecção pelo HIV e outras IST e dos índices de evasão escolar causada pela gravidez na adolescência (ou juvenil), na população de 10 a 24 anos. Alicerçado em uma demanda da população, foi implantado nos 26 estados do Brasil e no Distrito Federal (BRASIL, 2006).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), “a sexualidade é o que há de mais íntimo nos indivíduos e aquilo que os reúne”. Partindo deste referencial, a escola deve trabalhar dentro desta perspectiva, já que é ela que agrega grande porcentagem dos adolescentes e jovens que estão iniciando a vida sexual e estão cheios de dúvidas, e dessa forma são umas das populações mais vulneráveis às infecções por IST em função de uma relação sexual desprotegida (BRASIL, 1998).

Para Camargo e Ferrari (2009) a escola significa um lugar importante para se trabalhar conhecimentos, habilidades e mudanças de comportamento, pois é local em que o adolescente permanece o maior tempo do seu dia. Portanto, torna-se um local propício e adequado para o desenvolvimento de ações educativas, atuando nas diferentes áreas dos saberes

Ações educativas do enfermeiro na promoção...

humanos. Porém, há uma lacuna de informações pela falta da educação sexual nas principais instituições em que os adolescentes convivem; entre elas, destacam-se a escola e a família. A consequência disso são os sentimentos de culpa e de medo que atingem essa faixa etária, fazendo com que estes passem a buscar informações em fontes pouco seguras ou incapazes de ajudá-los.

No entanto, torna-se necessário conhecer melhor o que os adolescentes pensam, sua realidade, mitos e tabus com respeito a sua sexualidade para que se possa abordá-la de modo a contribuir para o seu crescimento e desenvolvimento sexual saudável (SOUSA; FERNANDES; BARROSO, 2006).

Diante do exposto, é fundamental o direcionamento do foco para a prevenção, principalmente quando o público alvo são os adolescentes, visto ser um público que apresenta pensamentos abstratos ainda incipientes de invulnerabilidade, expondo-os a riscos sem prever suas consequências.

Neste artigo objetivou-se relatar a experiência de educação em saúde vivenciada por estudantes de Enfermagem com adolescentes de uma escola pública de Teresina, Piauí, com enfoque em sexualidade, gravidez na adolescência e prevenção de IST e HIV/AIDS, utilizando-se de palestra e debate.

METODOLOGIA

Escolheu-se como modalidade de pesquisa o relato de experiência, que segundo Davim e Bezerra (2002), consiste em analisar e compreender variáveis importantes ao desenvolvimento do cuidado dispensado ao indivíduo ou a seus problemas, sendo o pesquisador um observador passivo ou ativo, devendo relatar de forma clara e objetiva suas observações.

Moreira, W. C. et al.

Este trabalho emergiu da participação de estudantes da graduação em Enfermagem de uma IES de Teresina-PI em um projeto de extensão voltado a prevenção de IST/HIV/AIDS, onde os mesmos desenvolveram oficinas, confecção de materiais educativos e ações de educação em saúde junto à comunidade em geral. Diante disso relatou-se a experiência em uma dessas atividades, a qual teve como público alvo adolescentes de uma escola pública.

O encontro com os adolescentes ocorreu no dia 14 de abril de 2015, após autorização da responsável da instituição, e teve duração de uma hora e meia. Programou-se uma palestra, com avaliação prévia do entendimento dos adolescentes e um debate abordando as seguintes temáticas: sexualidade, gravidez na adolescência e prevenção de IST. Posteriormente, realizou-se uma avaliação para observação do entendimento adquirido sobre os temas supracitados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

O projeto saúde e prevenção nas escolas

O Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE) representa um marco na integração saúde-educação e privilegia a escola como espaço para a articulação das políticas voltadas para adolescentes e jovens, mediante a participação dos sujeitos desse processo: estudantes, famílias, profissionais da educação e da saúde (BRASIL, 2006). Este projeto foi criado em 2003 pelo Ministério da Saúde, por meio da Coordenação Nacional de IST/AIDS, e o Ministério da Educação, com apoio da UNESCO, UNICEF e UNFPA, com o objetivo de reduzir a vulnerabilidade dos jovens, promovendo a saúde sexual e reprodutiva de forma ampla.

Em 2007, o Decreto Presidencial nº 6.286 instituiu o Programa Saúde na Escola (PSE), uma R. Interd. v. 8, n. 3, p. 213-220, jul. ago. set. 2015

Ações educativas do enfermeiro na promoção...

política intersetorial, envolvendo os Ministérios da Saúde e da Educação - na perspectiva da prevenção, promoção e atenção integral à saúde de crianças, adolescentes e jovens do ensino público básico. As ações acontecem no ambiente escolar e nas unidades básicas de saúde e são realizadas pelas Equipes de Saúde da Família e profissionais de educação. O programa surge para unificar diversas ações que eram executadas pela saúde e pela educação, tais como o Olhar Brasil e o projeto SPE, entre outras (SOUZA, 2012).

O SPE leva em consideração a importância das ações em saúde sexual e saúde reprodutiva realizadas nas diferentes regiões do País, assumindo que essa riqueza de experiências deve ser valorizada e potencializada quando da implementação do projeto. Sendo assim, parte-se do pressuposto que essa iniciativa poderá cumprir diferentes funções, dependendo das realidades estaduais e municipais (BRASIL, 2006).

É fundamental que o atendimento à saúde ultrapasse os muros dos hospitais e centros de saúde e envolva a participação de outros setores da sociedade. Nesse contexto, está a escola, que pode se tornar importante aliada para o fortalecimento da atenção primária de saúde, esta é formadora de opiniões de crianças, adolescentes e de suas famílias, sendo um dispositivo social a ser utilizado como cenário e ferramenta da educação em saúde (SANTIAGO, 2012).

Do mesmo modo que construir espaços de diálogo entre adolescentes, professores, profissionais de saúde e comunidade é um importante dispositivo para construir resposta social com vistas à superação das relações de vulnerabilidade entre adolescentes. Assim, percebe-se que a escola, ao assumir em seu Projeto Político Pedagógico o compromisso com a orientação sexual, poderá ser capaz de contribuir para que crianças e adolescentes desenvolvam a comunicação nas relações interpessoais, elaborem valores a partir do pensamento crítico,

Moreira, W. C. et al. compreendam o próprio comportamento e tomem decisões responsáveis a respeito de sua vida sexual (FONSECA, 2010).

Atuação do enfermeiro na educação sexual e reprodutiva do adolescente

Promover a saúde de adolescentes exige o desafio para adesão de estratégias mais eficazes de participação. O adolescente é um grupo-chave para qualquer processo de transformação social, em contraposição é considerado um grupo vulnerável, pelo envolvimento com drogas, a violência e a gravidez indesejada, bem como as IST. Para que seja possível associar os princípios da promoção da saúde relacionados aos adolescentes, ainda se faz necessário a atuação dos profissionais de saúde no qual suas ações sejam centradas na promoção, prevenção e assistência, sendo as duas primeiras de maior importância no processo de cuidar/cuidado (SANTOS, 2012).

Os Enfermeiros como profissionais de saúde, com uma formação generalista atuam nas diversas áreas como preventivas, curativas e, na educação em saúde, assim como a saúde dos adolescentes, o atendimento a estes na atenção à saúde sexual e reprodutiva são realizados principalmente através das consultas de Enfermagem, dentro das Unidades de Saúde mediante a procura deles ou demanda espontânea (OLIVEIRA, 2008).

As ações educativas frente às IST/HIV/AIDS, sobretudo as do Enfermeiro, consistem em orientar, retirar as dúvidas e conscientizar o indivíduo para atitudes seguras, que diminuam ou anulem os riscos de contaminação, promovendo, desse modo, hábitos comportamentais mais saudáveis, sendo essa meta conquistada por meio do diálogo e de críticas sobre ações de risco, mostrando que a educação

Ações educativas do enfermeiro na promoção...

ainda é o melhor meio de prevenção das doenças (SOUZA, 2007).

A equipe de Enfermagem poderá assistir e cuidar tanto do adolescente como de sua família através de aconselhamento, troca de ideias, esclarecimentos e ações que possam prevenir problemas, tornando esta etapa de vida mais saudável, segura e harmoniosa. Visto que esta equipe está habilitada a desenvolver ações de educação em saúde, portanto, poderá planejar e programar ações que favoreçam a saúde do adolescente e também que apoiem sua família, pois é neste período que os pais apresentam grande dificuldade para interagir com os filhos, principalmente no que se refere à sexualidade (ALMEIDA; CENTA, 2009).

Relatando a experiência

A experiência vivenciada com os adolescentes participantes da palestra inicialmente foi importante, sendo realizada uma análise prévia do que estes entendiam sobre os temas a serem abordados. Foram enfatizados temas, em que foram trabalhados seus conceitos, realizadas sessões de tira-dúvidas, debate e reflexões sobre as temáticas através do uso de materiais ilustrativos, abordando também algumas peculiaridades e minimizando preconceitos.

O momento inicial foi oportuno para o estabelecimento de vínculo e confiança com os adolescentes, para que a palestra ocorresse de forma livre e espontânea e o grupo pudesse sentir-se à vontade para expor suas dúvidas e opiniões. Observou-se o interesse dos alunos em participar da atividade, com o intuito de aprender sobre saúde sexual e reprodutiva.

Autores como Camargo e Ferrari (2009), em seu estudo, dizem que discutir acerca da iniciação sexual na adolescência é também considerar uma discussão acerca da sexualidade na adolescência, a qual deve ser compreendida a partir de uma

Moreira, W. C. et al.

perspectiva sócio-histórica. Diante disso, iniciamos o encontro abordando o tema sexualidade, que através do debate, percebeu-se que a maioria dos adolescentes acredita que sexualidade é somente beijo, abraço, sexo e nudez. Sabe-se que sexualidade é um termo abrangente, não necessariamente sinônimo de sexo: envolve também o funcionamento do corpo, o gênero, as escolhas sexuais (heterossexual, homossexual ou bissexual), bem como valores para a vida e o amor (MINAYO, 2000).

Foi evidenciado que a maior parte dos adolescentes apresentava dúvidas referentes ao uso de preservativos e métodos anticoncepcionais, bem como sobre o desenvolvimento normal do corpo durante a adolescência e, que grande parte deles, sabia diferenciar o que era mito e o que era verdade a respeito desses temas abordados e à sexualidade como um todo. Os meninos, em sua maioria, veem a virgindade como um fato vergonhoso e a maior parte das meninas a supervalorizam. Temas como homossexualidade e iniciação sexual foram abordados com naturalidade pelo grupo, com evidente redução dos tabus e preconceitos.

Percebeu-se a falta de diálogo entre pais e filhos sobre questões sexuais, relatado pelos próprios adolescentes. Segundo descrevem Sousa et al., (2006), pais e filhos encontram dificuldades em iniciar conversas sobre este assunto. Além disso, os jovens sentem-se constrangidos ou têm medo de desaprovação dos pais que se acham despreparados e desajeitados para abordar estas questões.

Em relação as IST, realizou-se uma breve explicação sobre sinais, sintomas, tratamento, transmissão e prevenção das principais IST. Em seguida, os alunos foram estimulados a expor conhecimentos e dúvidas sobre a temática. Observou-se que a maioria deles tem pouco ou nenhum conhecimento sobre as IST. Alguns sabiam informações básicas, modo de transmissão e

R. Interd. v. 8, n. 3, p. 213-220, jul. ago. set. 2015

Ações educativas do enfermeiro na promoção...

doenças mais frequentes. Surgiram dúvidas sobre os métodos anticoncepcionais e a gravidez, reflexo da carência de informações na escola e na família, e de conhecimento sobre as IST adquirido sem fundamentação científica.

Ao final, demonstrou-se através de dinâmicas a facilidade de adquirir IST quando ocorre frequente troca de parceiros sem uso de preservativo e ainda uma prática de dois voluntários para simulação do uso correto da camisinha e esclarecimento das dúvidas. O uso de preservativos protege contra uma gravidez indesejada e também das IST, incluindo HIV. Preservativos são os métodos de contracepção mais usados entre os jovens, embora devido a uma série de fatores, esses não saibam a maneira correta de usá-lo (ALVES e LOPES, 2008). Posteriormente, realizou-se uma avaliação para observação do entendimento adquirido sobre os temas supracitados, tendo resultados satisfatórios.

CONCLUSÃO

A experiência vivenciada foi bastante proveitosa, pois ocorreu de forma dinâmica com interação junto aos adolescentes e sem verticalização do saber, utilizando uma abordagem próxima de sua realidade e linguagem, permitindo o diálogo e entendimento.

Todavia, faz-se necessário, ações de políticas públicas de curto, médio e longo prazo para diminuir os índices de infecções por IST/HIV que estão em níveis alarmantes, somente desta forma proposta e de maneira planejada será possível diminuir estas estatísticas.

Partindo da avaliação das intervenções preventivas, particularmente as que se desenrolam a partir do meio escolar, certamente não estão sendo suficientes para suprir as necessidades básicas dos alunos da rede pública

Moreira, W. C. et al. de ensino, é necessário buscar estratégias que se apresentam de forma mais eficazes e inovadoras pertinentes na educação sexual no contexto escolar teresinense, objetivando oferecer uma educação sexual e reprodutiva mais efetiva, contínua, sem tabus, estigmas e preconceitos.

Esta discussão dentro da escola deve se dar dentro de um aspecto pedagógico, portanto, desvinculado de caráter terapêutico. Problematizar esta temática para adolescentes e jovens leva à ampliação da visão de mundo e de conhecimento, tão importante para que tenham relações sexuais protegidas, responsáveis e exerçam a sua sexualidade de forma livre, segura e de maneira consciente.

REFERÊNCIA

ALVES, A. S.; LOPES, M. H. B. M.; Conhecimento, atitude e prática do uso de pílula e preservativo entre adolescentes universitários. *Rev Bras Enferm.* v. 61, n. 1, p. 11-17, 2008.

ALMEIDA, A. C. C. H.; CENTA, M. L. A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a enfermagem. *Acta Paul. Enferm*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 71-76, fev. 2009.

BESERRA, E. P.; ARAÚJO, M. F. M.; BARROSO, M. G. T. Promoção da saúde em doenças transmissíveis: uma investigação entre adolescentes. *Acta Paul Enferm*, v. 9, n. 4, p. 402-407, 2006.

BORGES, A. L. V.; IZUMI, L. Y. N.; SCHOR, N. Conversando sobre sexo: a rede sociofamiliar como base de promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes. *Rev Latino-am Enfermagem*, v. 14, n. 3, p. 422-7, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Programa Nacional de IST e Aids**. Diretrizes para implantação do Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas/Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. - Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

Ações educativas do enfermeiro na promoção...

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MECSEF, 1998.

CAMARGO, E. A. I.; FERRARI, R. A. P. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. *Ciênc Saúde Coletiva*, v. 14, n. 3, p. 937-46, 2009.

COSTA, M. C.O.; BIGRAS, M. Mecanismos pessoais e coletivos de proteção e promoção da qualidade de vida para a infância e adolescência. *Ciênc Saúde Colet.* v. 12, n. 5, p. 1101-09, 2007.

DANTAS, T. M. et al. Educação em saúde como ferramenta na saúde sexual do adolescente. *Cadernos de cultura e ciência*, v. 1, n. 1, p. 12-22, 2010.

DAVIM, R. M. B.; BEZERRA, L. G. M.; Assistência à parturiente por enfermeiras obstétricas no Projeto Midwifery: um relato de experiência. *Rev Latino-am Enferm.* v. 5, n. 10, 2002.

FONSECA, A. D.; GOMES, V. L. O.; TEIXEIRA, K. C. Percepção de adolescentes sobre uma ação educativa em orientação sexual realizada por acadêmicos (as) de enfermagem. *Esc. Anna Nery*, Rio de Janeiro. v. 14, n. 2, p. 330-337, jun, 2010.

MALTA, D. C. et al. Saúde sexual dos adolescentes segundo a Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares. *Rev. Bras. Epidemiol.* São Paulo, v. 14, n. supl. 1, p. 147-156, set, 2011.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7 ed. São Paulo: Editora Hucitec; Rio de Janeiro: Editora Abraco, 2000.

OLIVEIRA, T. C.; CARVALHO, L. P.; SILVA, M. A. O enfermeiro na atenção à saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. *Rev Bras Enferm.* Brasília, v. 61, n. 3, p. 306-311, jun, 2008.

SANTIAGO, L. M. et al. Implantação do Programa Saúde na escola em Fortaleza-CE: atuação de equipe da Estratégia Saúde da Família. *Rev Bras Enferm.* Brasília, v. 65, n. 6, p. 1026-29, dec. 2012.

Moreira, W. C. et al.

SANTOS, A. A.; G. et al. Sentidos atribuídos por profissionais à promoção da saúde do adolescente. **Ciênc. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 5, maio, 2012.

SOUSA, L. B.; FERNANDES, J. F. P.; BARROSO, M. G. T. Sexualidade na adolescência: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar. **Acta Paul Enferm**, v. 19, n. 4, p. 408-13, 2006.

SOUZA, M. M. et al. Programa educativo sobre sexualidade e IST: relato de experiência com grupo de adolescentes. **Rev Bras Enferm**, v. 60, n. 1, p. 102-105, 2007.

SOUZA, P. L. et al. . Projetos PET-Saúde e Educando para a Saúde: construindo saberes e práticas. **Rev Bras Educ Med**, Rio de Janeiro, v. 36, n. supl. 1, p. 172-177, mar, 2012.

VIEIRA, L. M. et al. Reflexões sobre a anticoncepção na adolescência no Brasil. **Rev Bras Saúde Mater Infant**. Recife, v. 6, n. 1, mar. 2006.

Submissão: 03/05/2015

Aprovação: 26/06/2015